



Eixo: Serviço Social, fundamentos, formação e trabalho profissional.

Sub-eixo: Trabalho profissional.

PRÁTICA DOCENTE DOS ASSISTENTES SOCIAIS: QUEM ENSINA E QUEM APRENDE?

LIANA BRITO¹
LETÍCIA SAMPAIO PEQUENO²
JULIANA FROTA DOURADO³

Resumo: Este trabalho tem como objeto nossa prática docente na formação de assistentes sociais, e nos indagamos: qual a contribuição do nosso trabalho? Qual o seu alcance para os futuros assistentes sociais? Experimentamos em sala de aula, a partir das contribuições de Paulo Freire, formas diversas no processo de ensino e aprendizagem. Buscamos materializar uma prática pedagógica dialogada e uma dinâmica de leitura e escrito do mundo que vivemos. Qual o alcance dessa prática para os discentes e docentes? O que observamos é que não somos mais os mesmos, aprendemos uns com os outros na riqueza do cotidiano da formação acadêmica.

Palavras-chave: Prática pedagógicas; prática docente; Educação Popular; Serviço Social; Paulo Freire.

Abstract: This work has as object our teaching practice in the processo f education in social work course, and we ask ourselves: what is the contribution of our work? What is its scope for future social workers? We experimented in the classroom, from the contributions of Paulo Freire, diverse forms in the process of teaching and learning. We seek to materialize a dialogical pedagogical practice and a dynamics of reading and writing of the world we live. What is the scope of this practice for students and teachers? What we observe is that we are no longer the same, we learn from each other in the richness of everyday academic formation.

Keywords: Pedagogical practice; teaching practice; Popular Education; Social work; Paulo Freire.

INTRODUÇÃO

Ninguém educa ninguém,
como tão pouco ninguém se educa a si mesmo:
os homens se educam em comunhão,
mediatizados pelo mundo.
Paulo Freire

¹ Professor com formação em Serviço Social. Universidade Estadual do Ceará. E-mail: <liana.brito@uece.br>

² Profissional de Serviço Social. Laboratório de Estudos e Pesquisa em Afrobrasilidade, Gênero e Família.

³ Estudante de Graduação. Universidade Estadual do Ceará.

O trabalho aqui apresentado é parte de nossa pesquisa sobre “trabalho, reprodução social e serviço social” do qual elencamos como um de seus objetos de análise o trabalho docente que realizamos. Neste sentido nos questionamos: qual o alcance da nossa prática docente para a formação crítica dos nossos futuros assistentes sociais? Quem ensina e quem aprende? A nossa hipótese, fundamentada em Freire é a de que docentes e discentes não são os mesmos ao término de cada aula dada e de cada disciplina ministrada, ambos aprendem e ensinam! Assim, este trabalho parte do lugar de nossa prática profissional docente no curso de bacharelado em serviço social. O nosso desafio, neste artigo, se identifica com a provocação de Marx e Engels (2001, p. 103) em uma das teses à Feuerbach quando afirmam: “os filósofos só *interpretaram* o mundo de diferentes maneiras; do que se trata é de transformá-lo”.

Tomando esta tese como guia de nossa atividade docente. Temos observado e analisado ao longo de dois anos, frente às diversas atividades que propomos e realizamos em sala de aula e para além dela, a qualidade de resposta dos discentes às atividades propostas. Este trabalho trata dessa questão, mesmo dentro dos limites de uma disciplina, que novidades e possibilidades estão sendo objetivadas? Qual o alcance de uma prática docente que tem como ponto de partida e de chegada os discentes em seu processo de apropriação e objetivação dos conteúdos propostos? Qual tem sido a instrumentalidade da nossa prática docente? Quais os desdobramentos perceptíveis na dinâmica da sala em relação aos discentes? São perguntas que nos instigam a irmos adiante. Nosso diálogo tem como base a perspectiva materialista dialética; as contribuições de Paulo Freire acerca da educação popular e algumas metodologias que dele foram emergindo no processo educativo.

É com essa base teórico-metodológica que nos encontramos em sala de aula, e construímos nossas práticas pedagógicas capazes de mobilizar os sujeitos que neste espaço caminham juntos e se retroalimentam: docentes e discentes. Fomos dessa forma descobrindo um jeito de trabalhar, numa

perspectiva de irmos analisando os processos vivenciados neste espaço, como prática pedagógica e investigativa (GUERRA).

Nosso método de investigação foi construído a partir das problemáticas da sala de aula e das escolhas dos diversos instrumentos de coleta de dados e de análise: revisão da literatura, observação direta, análise dos materiais produzidos pelos discentes, e diário de campo com registros das trocas entre docentes e discentes. Do referencial teórico, destacamos a concepção de educação popular e da pedagogia crítica de Paulo Freire. Tomamos como objeto da nossa observação as vivências dos últimos anos em sala de aula a partir de uma instrumental de *leitura da teoria e da vida dos homens e mulheres*. Para Paulo Freire é a leitura da palavra à leitura e escrita do mundo. Temos observado, nesta prática pedagógica realizada pelos discentes, um processo rico de “quebrar do automatismo” da vida cotidiana.

ALGUNS PRESSUPOSTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS

O ser humano é essencialmente ser social-prático, portanto fruto de sua práxis e das múltiplas relações sociais que daquela se desdobram. Desta tese, temos o trabalho como categoria ontológica e central para a sociabilidade. Este complexo de complexos, segundo Lukács (2013), materialidade ao mundo em que vivemos, está em um permanente movimento dialético (MARX e ENGELS, 1987). Toda prática humana é social, histórica e dialética, ao mesmo tempo em que altera o mundo exterior, altera o sujeito que a realiza. Neste sentido, ao final de cada humana realizada, nos deparamos com o novo posto e criamos possibilidades novas. Com a clareza desta dinâmica do real, temos presente a possibilidade de superação das relações sociais e, portanto, das relações de exploração entre os seres humanos. É neste campo que se origina a questão social, complexo central da prática dos assistentes sociais. É no interior desse movimento da vida que a educação se coloca como complexo social parcial necessário a humanização do ser social; fundamental para o desenvolvimento

humano genérico. Nesta perspectiva, apontamos a contribuição de Ianni (1993, p. 123):

A rigor o indivíduo somente pode realizar-se, emancipar-se na sociedade. [...] As carências, continuamente recriadas, instituem a trama das relações sociais, a dialética indivíduo e sociedade, um implicando no outro, ambos constituindo-se reciprocamente todo o tempo. E quando a sociedade se torna global ele nada ganha refugiando-se no seu eu, em si, identidade, mesmidade. Ao contrário, adquire outras possibilidades de realizar-se, emancipar-se, precisamente no âmbito da sociedade, da trama das relações sociais. O mesmo contexto no qual ele se forma e transforma [...].

É nesta direção que tomamos nossa prática docente em sala de aula no curso de serviço social, como objeto de estudo, portanto em sua dimensão interventiva e investigativa (GUERRA, 2009), parte da 'trama das relações sociais'.

Freire (1994, p. 163) nos indaga acerca da função social da educação, do que e para que formamos, pois nela está enraizada a sua dimensão política, pois [...] *não há prática educativa que não se direcione para um certo objetivo, que não envolva um certo sonho, uma certa utopia*. Em outra obra Freire (1980, p. 26) nos chama a atenção de que: '

A conscientização implica, pois, que ultrapassemos a esfera espontânea da realidade, para chegarmos a uma esfera crítica na qual a realidade se dá como objeto cognoscível e na qual o homem assume uma posição epistemológica. [... isto implica em um] compromisso histórico... como sujeitos que fazem e refazem o mundo.'

Outro elemento interessante é a sua preocupação em debater sobre: quem ensina a quem? Neste questionamento, o educador nos aponta uma tensão e uma alternativa. Ele nos leva a pensarmos na relação docente e discente rompendo com a hierarquia e autoritarismo (FREIRE, 1980, 1983). Além disso, nos convida a percebermos que, como seres inconclusos. Somos eternos aprendizes, pois aprendemos também com nossos discentes. A realidade vivenciada pelos docentes com esta proposta de educação, nos leva a romper com a pedagogia bancária e optar pela pedagogia da liberdade, da autonomia, da esperança e da criatividade. Sua proposta de educação popular

tem como um dos eixos o diálogo *do pronunciar e nomear o mundo* à reescrita da *palavra mundo*. Nesta perspectiva, o autor percebe uma contribuição da educação no processo de construção do saber, da quebra do automatismo e da descoberta do prazer de aprender.

Para Freire (1982, p. 97), a educação é um ato político:

[...] mas a gente ainda tem que perguntar em favor de que conhecer e, portanto, contra que conhecer; em favor de quem conhecer e contra quem conhecer. Essas perguntas que a gente se faz enquanto educadores, ao lado do conhecimento que é sempre a educação, nos levam à confirmação de outra obviedade que é a da natureza política da educação. Quer dizer, a educação enquanto ato de conhecimento é também, por isso mesmo, um ato político”

Nossa experiência que ora analisamos, tem sido pautado a partir de um diálogo com a pedagogia freiriana, cujo centro dinâmico é o diálogo, a postura democrática e a consciência da nossa *incompletude*. Assim, a pedagogia que experienciamos tem procurado dar vez e voz aos docentes e discentes como sujeitos do processo, ambos sabem e ensinam. Todavia, não negamos a posição do docente nesta relação dialética, que assumi o momento predominante (LUKÁCS, 2013), portanto, responsável pela direção no processo de formação. Outro elemento central dessa prática profissional é o compromisso com os conteúdos a serem ministrados em consonância com as Diretrizes Curriculares e o Projeto Ético Político do Serviço Social (ABESS e CEDEPSS, 1997).

ESPAÇO DA FORMAÇÃO PARA ALÉM DA SALA DE AULA

Entendemos que no espaço da formação acadêmica temos a possibilidade de contribuir para a construção do novo. Barroco (2008, p. 65) corrobora com nossa argumentação quando afirma que:

A todo momento o indivíduo se depara com exigências que põe em movimento, em maior ou menor grau, seus sentimentos, sua consciência, sua racionalidade, sua subjetividade; situações de afirmação ou de negação de valores ético-morais, por exemplo, de injustiça, violência, discriminação [...].

Observamos este movimento no nosso cotidiano profissional. A sala de aula se constitui como um espaço fértil para a construção de atividades que garantam a apropriação de um saber elaborado que contribua para a elevação de nossas consciências e de nossa posição frente o vivido. Um saber que nos coloque em contato permanente com o mundo vivido. Esta experiência vivida tem nos encantado e desafiado, permanentemente. Encanta, porque temos a riqueza de vivermos cada momento, com elementos novos que vão sendo engendrados no cotidiano profissional. O acúmulo da própria dinâmica social de toda prática anteriormente realizada nos permite olhar adiante, tendo o novo como possibilidade. Neste sentido nos ensina Freire (1992, p. 78)

[...] não há nem jamais houve prática educativa em espaço-tempo nenhum de tal maneira neutra, comprometida apenas com ideias preponderantemente abstratas e intocáveis. Insistir nisso e convencer ou tentar convencer os incautos que essa é a verdade é uma prática política indiscutível com que se pretende amaciar a possível rebeldia dos injustiçados. Tão política quanto a outra, a que não se esconde, pelo contrário, proclama, sua politicidade.

Trabalhamos com diversas atividades para mediar o processo ensino aprendizagem, num diálogo permanente com os conteúdos da disciplina. Logo no início do semestre, Apresentamos aos discentes uma proposta de produção de uma pasta para arquivar a produção da disciplina durante o semestre como a primeira atividade. Considerando que a disciplina é “Trabalho e Sociabilidade”, esta proposta tem o objetivo de permitir que cada discente realize um trabalho manual, para ir identificando seu movimento interno e externo. Para isto todos são convidados a usar sua criatividade e liberdade, além do registro por escrito desse processo de criação. A primeira reação observada em alguns discentes é o estranhamento: para que isto? Após a aceitação da proposta, temos o momento da socialização da experiência criativa e da produção escrita.

O diálogo sobre esta atividade, por mais simples que seja, exige de cada sujeito a compreensão do processo realizado, do planejamento feito, portanto

da teleologia e causalidade, que resultam no novo: a pasta. Deste momento, destacamos algumas falas dos discentes:

Não queria, a priori fazer a pasta, mas quando parei para pensar e planejar. Resgatei meu tempo de escola, quando eu pintava, e foi muito bom.

Tive que fazer essa pasta duas vezes, porque na primeira vez ela não ficou como eu queria daí 'arranquei' tudo e fiz novamente.

Esta pasta fala de mim, do que acredito, gostei de fazer.

Nos diversos relatos do processo desta produção fomos dialogando com as categorias internas do trabalho a partir Lukács, o que resultou em uma aproximação melhor com a exposição teórica do autor. Muitos desdobramentos puderam ser feitos a partir de suas próprias experiências. Como fica claro nesta fala:

A priori... achei desnecessária essa pasta, ... mas hoje, relacionando com o conteúdo da disciplina, vejo que foi muito importante, pois, utilizei da prévia ideiação para confeccioná-la.

A partir da contribuição de Freire (1983) apresentamos a atividade da leitura da palavra e do mundo a partir da escolha de uma cena do cotidiano, observá-la e, em seguida, construir um texto de uma descrição e análise da cena. Com este material, realizamos discussões em grupos em sala, semelhantes aos círculos de cultura. Os discentes com as cenas de seu cotidiano e a produção do texto manuscrita descrevem a cena e, em seguida, arriscam uma análise em diálogo com os conteúdos da disciplina e conhecimento acumulados em sua formação. Assim vamos tentam se apropriar do concreto pensado (BRITO, 2006). Em seguida num grande círculo compartilham suas descobertas. Neste processo, fomos identificando a riqueza de uma atividade aparentemente simples, mas que decisiva na construção de outro olhar sobre o real e de se mesmo diante do mundo, como relatou um discente que desde que realizou estas atividades de observar as cenas do cotidiano saiu do “automático, pois passava nos lugares e não me dava conta do que estava acontecendo”. Destacamos as seguintes falas:

Para eu conseguir realizar essa atividade, eu tive que me desconectar do celular, pois eu não conseguia me concentrar em nada e nem observar o que estava ao meu redor. Quando 'parei' para observar, eu vi que no terminal de ônibus havia um motorista tentando estacionar o veículo em uma vaga, mas ele não conseguia de jeito nenhum e ninguém se disponibilizava para ajudá-lo [...] Até que um fiscal que estava do outro lado [...] veio ajudar o motorista. Eu consegui perceber o quanto as pessoas são egoístas, preocupadas apenas consigo mesmo.

Eu observei um vendedor ambulante dentro do ônibus. Era uma criança e parecia iniciante, que fazia pouco tempo que estava exercendo esta função. Logo me questionei sobre isso: Será que ele estuda? E a família, onde está?

A partir desses relatos os discentes fazem a leitura crítica do real, identificam, inclusive, as diversas expressões da questão social que presentes nas diversas situações mencionadas. Além disso, vão relacionando com o trabalho e sociabilidade. A linguagem produzida pelos docentes tomam a forma de expressão do pensamento e do mundo: o falar e o escrever como instrumento de nossa humanização. Outra fala interessante:

A cena que observei ocorreu na minha casa. Eu estava voltando de um seminário sobre a cultura negra e a minha mãe perguntou onde eu estava. Quando a respondi, pude perceber sua falta de informação sobre a cultura negra, logo ela, mulher negra, não sabia da história de seus ancestrais. Depois disso me questionei sobre o recorte de gênero que há na história da cultura negra, o quanto o Zumbi dos palmares é divulgado, enquanto Dandara, que foi tão importante quanto ele, não há tantos comentários. Além disso, eu consegui perceber o quanto a cultura negra é relacionada com a escravidão, sendo que não é só isso.

Tomar a cotidianidade mesma em que se encontram, como objeto de sua leitura do mundo, escrita da palavra e análise, tem sido um processo que, segundo Freire (1978) tem o sentido de desopacizar o cotidiano. Assim, com estas atividades, os discentes vão alcançando, pouco a pouco, e na continuidade da prática, a razão de ser da própria maneira como estão no mundo. Em outras palavras, é superar o conhecimento que permanece preponderantemente ao nível da sensibilidade dos fatos, pelo conhecimento que alcança a razão de ser dos mesmos.

As metodologias ativas (BORGES e ALENCAR, 2014) foram instrumentos significativos para o desenvolvimento dessas atividades,

inclusive, algumas vezes apresentamos notícias de jornais como ponto de partida para a apresentação de novos conteúdos, como no caso da categoria trabalho alienado. Além dessas mediações, utilizamos algumas vezes contos da literatura para serem relacionados com o real vivido e o conteúdo programático. Dessas atividades, também exploradas em sala de aula em grupos e em conjunto, fazemos os seguintes destaques:

O que eu achei interessante é que, embora cada conto seja distinto, ainda sim, há fatos e aspectos que os aproximam. Comentamos sobre 'particularidade, singularidade e universalidade', além de 'intentio recta'. [Além disso, colegas] tinham o mesmo texto, mas a forma como os dois apresentaram foi diferente, cada um com sua singularidade.

Eu vi muito a questão do trabalho na nossa discussão. As nossas crises internas afetam no trabalho.

O texto o personagem se contradiz e isso a gente vai passar muito na nossa atuação profissional.

Em síntese, esta prática pedagógica, proposta desde o início da disciplina que ministramos, resulta em permitir que cada discente: a) escolha uma cena do real, pense, reflita e registre o que ele vê, o que percebe e consegue explicar; b) perceba e busque os conteúdos necessários para melhor dar conta desse real pensado (inclusive em diálogo com as outras disciplinas do seu curso).

No processo de registrar e pensar as cenas do cotidiano, os discentes vão se deparando com ricas questões, que são exploradas durante o semestre, como apresentam nestas falas:

Eu passei no terminal [de ônibus] e não me dei conta das mudanças que ali ocorreram; eu ... estava vivendo no automatismo; não percebia o que estava em meu entorno.

[Passei a] ver com outros olhos sempre [o mundo]; ver o mundo, as relações sociais com outros olhos; depois da disciplina eu sempre observo as cenas cotidianas.

Trabalhamos com vídeos e propomos uma atividade de entrevistar um trabalhador, para dialogarmos com a categoria trabalho alienado. A turma fica

livre para escolher quem entrevistar. Daqui temos tido muitas surpresas, pois alguns entrevistam seus familiares, como pai ou mãe e se deparam com uma realidade não imaginada até então. Daí surgem muitas reflexões e tomada de consciência do nível de exploração, por um lado, e por outro, o nível de compromisso desses trabalhadores na reprodução material de suas famílias e coletividade. Destacamos algumas falas:

Os trabalhadores do grupo [grande escola da cidade] constroem toda a estrutura dos prédios, mas não podem usufruir do produto do seu trabalho, pois, as mensalidades do colégio custam bem mais que o salário que eles ganham.

Os trabalhadores devem ser cegos e mudos, pois, temos a necessidade de trabalhar, necessidades humanas e isso faz com que as pessoas se submetam a isso.

Se não trabalhar, o homem deixa de ser cidadão? Há muita cobrança.

Essa disciplina dá para relacionar com tudo. Lembrei da época em que eu e meu marido fabricávamos bolsas. Um dia o meu filho disse para o filho do patrão que as bolsas confeccionadas eram nossas, pois, éramos nós que produzíamos, mas logo a outra criança rebateu dizendo: 'Não! É do meu pai, pois, ele que pagou os seus pais para fazerem as bolsas'. As bolsas que nós fazíamos eram vendidas no Shopping... com preços altíssimos e nós ganhávamos muito pouco pelo trabalho. O nosso salário não dava para comprar as bolsas e o enxoval do nosso filho, na loja que trabalhávamos.

Com esta atividade da entrevista, provocamos um contato direto dos discentes com o trabalhador. As descobertas daí advindas são ricas, pois tem gerado tanto um descortinar do real como uma identificação com o outro. Assim, lembrando as palavras de Freire (1978, p. 145):

Não basta viver em sociedade, é necessário participar, intervir coletivamente para modificar o que há de desumano, em função de valores e fins determinados, resultantes da consciência que emerge das relações entre classes, entre grupos sociais. No processo de reinventar o mundo, de 'prever uma nova estrutura para a sociedade, o domínio da linguagem e da escrita é fundamental. (p.41s)... "pronunciar e nomear o mundo"

Como Marx e Engels (1987, p.66) afirmam que “a libertação humana é um ato histórico e não um ato de pensamento... trata-se de revolucionar o mundo existente, de atacar e transformar, praticamente, o estado das coisas.”

NOSSO PONTO DE CHEGADA E DE NOVAS PARTIDAS

A partir dessas práticas pedagógicas vivenciadas em sala de aula movidas e moventes dos conteúdos da disciplina em questão, vamos encontrando ricas relações com a realidade cotidiana, sempre em diálogo com a formação profissional dos assistentes sociais. Assim vamos descortinando o real e aprofundando nosso conhecimento teórico para uma leitura do mundo e de nós mesmos cada vez mais ricos. Assim, trocas de saberes e descobertas vão sendo ampliadas e enriquecendo nossa prática social e profissional. Trata-se de uma dialética que se impõe, independente de nossas vontades, pois como diz Lulu Santos *nada do que foi será de novo de um jeito que já foi um dia... tudo muda*. A sala de aula revela-se dessa forma, cabe-nos tirar o melhor dessa sua permanente dialética, a positividade que organizamos em nossos momentos de planejamento, entra em relação com a negatividade dos discentes – seus questionamentos, dúvidas, divagações ou até desinteresses. Tudo isso nos indaga através de suas questões ou de um silêncio inquietante e barulhento. Cabe-nos como docentes, captar e dinâmica dialética, que não tem uma forma de ser e aparecer única, mas o faz em uma diversidade de possibilidades. A sala como uma totalidade parcial, é o espaço da nossa práxis, que não se finda em si, mas dialoga com a totalidade mais ampla da qual somos parte integrante.

Como docentes, nos percebemos também como fomos discentes no passado. Como docentes, acompanhamos as superações e resistências dos nossos próprios discentes, e de nós mesmos. Uma aula concluída é material concreto para a próxima aula. Podemos avançar ou recuar, pois a dialética se impõe a cada movimento do real e nos permite que façamos nossas escolhas. Embora o impulso que vivenciamos, tenha sempre nos levado adiante, muitas

vezes não o alcançamos. Esta realidade nos desafia frente às tensões postas nos questionamentos teóricos dos discentes, ou a uma possível (e real) incapacidade nossa de respondê-la de prontidão. Todo este movimento se torna matéria fértil para os próximos encontros ou trocas. O que de fato encontramos diante de nós é o movimento do processo pedagógico, o qual nos permite novos aprendizados, que se transforma a cada novo momento. Da prática educativa Freire (2000, p. 43):

[...] é neste sentido, entre outros, que a pedagogia radical jamais pode fazer nenhuma concessão às artimanhas do “pragmatismo” neoliberal que reduz a prática educativa ao treinamento técnico-científico dos educandos. Ao treinamento e não à formação. A necessária formação técnico-científica dos educandos por que se bate a pedagogia crítica não tem nada que ver com a estreiteza tecnicista e cientificista que caracteriza o mero treinamento. É por isso que o educador progressista, capaz e sério, não apenas deve ensinar muito bem sua disciplina, mas desafiar o educando a pensar criticamente a realidade social, política e histórica em que é uma presença (grifos do autor).

Aprendemos com os discentes sim, e com eles nos superamos a cada aula dada e disciplina ministrada. Nosso Projeto Ético Político nos dá os fundamentos da nossa prática profissional. Na prática docente, ele é nosso guia, juntamente com as Diretrizes Curriculares da ABEPSS, que se consubstancia no projeto de formação do curso. Concluindo, as práticas docentes experimentadas e analisadas na sala de aula nos dão a possibilidade de percebermos o nosso alcance na construção de sujeitos atentos e críticos frente o mundo. Isto nos vem afirmar a função social da Universidade pública brasileira na democratização e construção do saber e, na elevação da consciência humano genérica de homens e mulheres. É um espaço possível de construção de práticas emancipatórias, como destaca um discente: *a disciplina mudou o meu pensamento através da leitura das cenas do real.*

Toda a teoria ensinada e aprendida na dinâmica da sala de aula, nos mais diversos cursos de graduação, contribuem, ao cabo e ao fim, para a formação de futuros profissionais, no caso que aqui apresento: serão assistentes sociais. Paro para pensar: que tipo de assistentes sociais queremos formar? A nossa resposta não é isolada, é construção coletiva da

categoria de assistentes sociais organizados em suas instâncias do CFESS, CRESS, ENESSO e ABEPSS, pois de forma coletiva, assumimos o compromisso de uma formação crítica o suficiente para ser capaz de formas sujeitos compromissados com o PEP do Serviço Social.

Na sala de aula, direcionamos nossa prática pedagógica para que contribua para a formação de sujeitos capazes de entender a complexidade da dinâmica da sociabilidade – em seus múltiplos processos (sociais, econômicos, político-ideológicos e históricos), e neste contexto, serem capazes de intervir e contribuir para o avanço das possibilidades humano-genéricas.

REFERÊNCIAS

ABESS; CEDEPSS. Diretrizes Gerais para o Curso de Serviço Social (com base no currículo mínimo aprovado em Assembleia Geral Extraordinária de 08 de novembro de 1996). IN. Cadernos ABESS no. 7 – **Formação Profissional – trajetórias e desafios**. Edição Especial, S. Paulo: Cortez Ed, ABESS e CEDEPSS, 1997.

BARROCO, M. L. S. **Ética**: fundamentos sócio-históricos. São Paulo: Cortez, 2008. (Biblioteca básica de Serviço Social; v. 4).

BORGES, T.S. e ALENCAR, G. Metodologias Ativas na promoção da Formação Crítica do Estudante: o uso das metodologias ativas como recurso didático na formação crítica do estudante de ensino superior. **Caiiru Revista**, ano 3, n. 4, p. 119-143, jul./ago. 2014.

BRITO, L. A Questão do Método em Marx e Lukács: o desafio da reprodução ideal de um processo real. In: MENESES; FIGUEIREDO (org). **Trabalho, Educação e Sociabilidade**. Uma crítica à ordem do Capital. Fortaleza-Ce: Ed. UFC, 2003.

FREIRE, P. **Cartas à Cristina**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1994.

FREIRE, PAULO. **Conscientização: teoria e prática da libertação**. Uma introdução ao pensamento de Paulo Freire. 3. ed. São Paulo: Moraes, 1980.

_____. **Pedagogia do Oprimido**. 12. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

_____. Educação: o sonho possível. In. BRANDÃO, C. R. (org.) **O educador: vida e morte**. Rio de Janeiro: Graal, 1982. p. 89-101.

_____. **Pedagogia da esperança**: um reencontro com a pedagogia do oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

_____. **Pedagogia da indignação**: cartas pedagógicas e outros escritos. São Paulo: UNESP, 2000.

_____. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

_____. **Educação como prática da Liberdade**. 14. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983a.

_____. **Educação e mudança**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

HELLER, A. **O Cotidiano e a História**. São Paulo: Paz e Terra, 1970.

_____. **Sociologia de La Vida Cotidiana**. Barcelona: Ed. Península, 1977.

KOSIK, K. **Dialética do Concreto**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.

MARX, K.; ENGELS, F. **A Ideologia Alemã**. (I- Feuerbach). Tradução de José C. Bruini e Marco A. Nogueira. 6. Ed. São Paulo: Ed. Hucitec, 1987.

MARX, K. **O Método da Economia Política**. São Paulo: IFCH/ UNICAMP, 1997.